

## 6

### Contribuições da teologia de Karl Rahner para o crer

Queremos neste capítulo conclusivo, com base na teologia de Rahner lançar luzes à compreensão da fé para o nosso contexto latino-americano, contribuindo com o debate da Teologia contemporânea. Como não poderia ser diferente, tratam-se de algumas contribuições<sup>1</sup> as quais visam suscitar tantas outras naqueles que interagem conosco. Nossa reflexão quer ser compreendida de forma gradual e processual, ou seja, todos os capítulos remetem ao afirmado pelo anterior e vice-versa. Por sua constante característica referencial, alguns temas centrais precisarão ser retomados na medida em que o texto se desenvolve.

Em nossa pesquisa, pressupomos a indispensabilidade do diálogo entre a fé e a cultura e que aquela alcança a desejável inteligibilidade se apoiada nesta esfera, na qual quer ser crida. A fé precisa estar enraizada no horizonte cultural humano, para, de fato, responder às indagações humanas. Assim, tal diálogo é uma notável contribuição para o entendimento e a vivência da fé.

Ao procurarmos fundamentar a inculturação da fé no pensamento de Rahner, não estamos querendo fazê-lo dizer o que não mencionou, mas, destacar alguns componentes de sua Teologia que nos ajudam a pensar a relação e o diálogo entre fé e cultura. Pensamos que esta é uma forma legítima, porque procuraremos permanecer fiéis ao seu pensamento e vislumbrar como sua reflexão teológica ajuda a aprofundar a acolhida e a inculturação da fé.

#### 6.1

##### A teologia de Rahner e a inculturação

---

<sup>1</sup> Algumas dessas contribuições já se encontram explicitadas no decorrer da tese (nos outros capítulos), outras estão implícitas e, por isso não carecem de ser retomadas por nós, especificamente aqui, mas são igualmente importantes e somente nesse conjunto obteremos a compreensão global das mesmas. Além disso, seria necessário um diálogo com um autor latino-americano, mas essa tarefa terá que ficar aberta, por causa da vasta teologia do autor trabalhado e do grande risco de tornar a abordagem profundamente fragmentária.

Rahner concebe que todo ser humano está orientado para Deus, sua transcendentalidade está elevada e radicalizada para o Mistério. Acreditamos que tal pressuposto também é importante para a inculturação da fé. Busca-se com isso, que a pessoa reconheça aquela realidade que está nela, ou seja, a permanente oferta de Deus, que como não é algo evidente em si mesmo pode ser suprimida e, por isso, precisa ser reconhecida e acolhida.

Quando o ser humano toma a sério a si mesmo, isto é, age como sujeito ele “cai no abismo da sua existência” e nesse ato corajoso encontrará sua última verdade, podendo perceber-se atraído pelo mistério santo que está dado na profundidade da existência humana<sup>2</sup>. Com isso, defrontar-se-á com a realidade que lhe é íntima, mas que não é produzida por ele, embora encontra-se nele desde sempre. Em outros termos é a contínua oferta que Deus mesmo faz de si ao ser humano em sua autocomunicação<sup>3</sup>.

Mediante a Revelação, sabemos que Deus se autocomunicou (antecipadamente) como a “absoluta possibilidade, como o futuro absoluto da liberdade”, o que também é denominado de graça, Espírito Santo, justificação, autocomunicação de Deus<sup>4</sup>.

Rahner enfatiza que o ser humano pode ouvir uma possível Revelação de Deus e ao mesmo tempo acolhê-la na fé, porque sendo ser espiritual ele está aberto a tal acolhida, porque a Revelação Transcendental já está presente nele e ele mesmo está “voltado para Deus”, mesmo que disso não tenha consciência.

Se Deus se revela, Ele quer que o ser humano o entenda e, nesse sentido, Ele se apresenta a nós em sua própria cultura, isto é, na cultura do amor, da compaixão, da justiça, da verdade, da fraternidade... Nesse sentido, Ele cria uma cultura nova, a fim de que compreendamos o que Ele tem para nos comunicar.

Rahner mostra que o fato dos conteúdos da revelação não encontrarem mais tanto eco entre as pessoas deve-se principalmente à Teologia, que por muito tempo manteve-se distante da autocompreensão do ser humano e da sua experiência concreta; ou ainda, pelo fato de os enunciados teológicos trazerem formulações que não estão de acordo com a idéia que o ser humano faz de si e de

---

<sup>2</sup> Cf. RAHNER, K., *Grundkurs des Glaubens*, p. 138.

<sup>3</sup> Cf. *Ibid.*, p. 385.

<sup>4</sup> Cf. *Id.*, *Gnade als Freiheit*, p. 56.

suas buscas e experiências<sup>5</sup>. O que o autor postula não são deduções automáticas dos enunciados teológicos; mas sim, a relação entre a auto-experiência humana e os enunciados teológicos, feita a partir do método teológico Transcendental. Tal método mostra-se eficaz, porque permite que o ser humano perceba-se como ser caracterizado pela escuta de Deus na história, atente-se para o fato de que essa palavra é “objeto” de recepção e de fé e que permanece sempre Palavra de Deus<sup>6</sup>.

O Vaticano II expressa que o ser humano deve ser obediente na fé. Ele o faz nestes termos:

“A Deus que se revela é devida a ‘obediência da fé’(cf. Rm 1, 5; 16,26, 2Cor 10,5-6); por ela, entrega-se o homem todo, livremente, a Deus, oferecendo ‘a Deus revelador o obséquio pleno da inteligência e da vontade’ e prestando voluntário assentimento à sua Revelação”<sup>7</sup>.

Rahner enfatiza que a Teologia tem de estar a serviço do Evangelho, cabe-lhe dessa forma perceber onde e como a mensagem salvífica deverá ser comunicada para que haja de veras um “impacto teológico-pastoral”<sup>8</sup>.

Como sabido, o conteúdo da fé são as verdades da Revelação. No entanto, termos ciência de tal fato não basta, mas é imprescindível torná-lo compreensível, já que a forma de crer está sujeita a mudanças, o que de fato acontece, porque cada época tem suas peculiaridades, seu horizonte de compreensão, suas categorias. A única coisa imutável é a verdade a ser proclamada<sup>9</sup>.

### 6.1.1

#### **Teologia voltada às esferas existencial e sobrenatural do ser humano**

Nosso autor parte, por um lado, do ser humano enquanto alguém que “pode” e “deve” realizar-se na abertura à Transcendência, porque está orientado constitutivamente a Ela e, por outro lado, parte da constante presença da graça, da

<sup>5</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 8, p. 59-60.

<sup>6</sup> Cf. Ibid., p. 61-62.

<sup>7</sup> CONCÍLIO VATICANO II., *Dei Verbum*, n. 5.

<sup>8</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 5, p. 7.

<sup>9</sup> Cf. KLINGER, E., Der Glaube an den Menschen – eine dogmatische Aufgabe. In *Theologie und Glaube*, v. 75, 1985, p. 235-236.

livre e indulgente autocomunicação sobrenatural de Deus, mediante a qual seu humano é capacitado para o encontro e experiência<sup>10</sup>.

Para Rahner, a fé precisa ser confrontada com a realidade hodierna, com as questões e problemas emergentes do contexto atual, bem como, com as perguntas que a Filosofia e as ciências lhe fazem. Por isso a Teologia não somente deve escutar o que os outros lhe têm a dizer, mas também deve procurar dialogar e oferecer respostas, cumprindo com a sua missão.

Essa postura é importante porque não torna a fé e a Teologia superficiais, nem ideológicas, porque assim, de fato, atingem o ser humano em seu ser, nas suas perguntas, nas suas experiências e concepções. De forma alguma é possível abdicar dessa realidade concreta, pois mesmo encontrando-se certas respostas teóricas, elas não refletirão e responderão aos seus questionamentos existenciais e – como diz Rahner – à pergunta que está no seu interior, a qual é o próprio ser humano.

Como a Teologia encontra sua razão de ser na experiência de Deus, cabe-lhe uma tarefa urgente, segundo Rahner: fazer com que, no sentido inaciano, as pessoas de hoje possam “encontrar Deus em todas as coisas”. Ou ainda, propiciar que elas não somente tenham um conhecimento teórico, mas que possam ser testemunhas de uma profunda e verdadeira experiência de Deus<sup>11</sup>.

Com isso, o discurso teológico será resultante das questões que movem as pessoas e com base nelas poderá mostrar o que é e no que consiste a fé. Como é óbvio, trata-se de um grande desafio, porque, se de um lado o discurso não pode prescindir da realidade humana concreta, do outro deverá contemplar a Revelação e a Tradição da Igreja.

### 6.1.2

#### A categoria “Deus”

Outra questão importante levantada por nosso teólogo e que pode parecer muito simples é dizer com precisão o que verdadeiramente é afirmado com a

---

<sup>10</sup> Cf. MARIANI, M., *Credo perché prego*, p. 61; 71.

<sup>11</sup> Cf. KAPPES, M., Die Bedeutung der Theologie Karl Rahners für die Ökumene. In: *Catholica*, Münster, 1/2005, p. 13.

categoria “Deus”<sup>12</sup>. Se perguntarmos dentro do ambiente cristão o que as pessoas entendem com essa categoria, com certeza seremos confrontados com muitas concepções, inclusive algumas divergentes e contraditórias à Revelação cristã.

No contexto hodierno fala-se muito em “Deus”, porém pouco é refletido acerca do significado e sentido dessa palavra. Ela as vezes até pode ressoar como nome próprio, pois falta uma clareza sobre o que ela realmente quer expressar e como deve ser entendida<sup>13</sup>. Entretanto, no âmbito da inculturação é exigido que se tenha clareza da mesma.

De toda forma, como ressalta nosso teólogo, com essa palavra quer-se designar o “Inefável”, o “Sem Nome”, “o Silencioso” que sempre esteve e está presente na história humana, embora possa passar despercebido<sup>14</sup>. Por outro lado, é mediante Deus que o ser humano é posto diante da totalidade da realidade e da totalidade de sua existência. O autor ressalta que caso, hipoteticamente, essa palavra deixasse de existir, a pessoa não seria mais confrontada com a totalidade de sua existência e inclusive “deixaria de ser pessoa humana”<sup>15</sup>.

### 6.1.3

#### Revelação e mistério

Rahner articula a relação de Deus com o mundo, com base na questão central de sua Teologia: Deus revela-se por meio d’Ele mesmo. Diante desse fato, Deus não se esvazia, nem anula nada de si, mas comunica o que é. Por outro lado, o faz enquanto mistério indisponível e ao mesmo tempo muito próximo. Por isso, para nosso teólogo, a noção de mistério não é primeiramente associada a um limite da razão, à falta de conhecimento e à ignorância frente a algo, mas, acima de tudo, como algo evidente por si e em si e por isso mesmo muito próximo. O próprio Deus se revela como mistério e por essa razão deve ser acolhido pelo ser humano como tal.

E aqui defrontamo-nos com um dilema. Como algo que não pode ser adequadamente conhecido e expresso é ao mesmo tempo a realidade mais íntima

<sup>12</sup> Cf. RAHNER, K., *Strukturwandel der Kirche als Chance und Aufgabe*, p. 112-113.

<sup>13</sup> Cf. KLINGER, E., *Das absolute Geheimnis im Alltag entdecken*, p. 53.

<sup>14</sup> Cf. RAHNER, K., *Grundkurs des Glaubens*, p. 56.

<sup>15</sup> Cf. *Ibid.*, p. 58.

da pessoa? Mesmo não podendo ser abarcado, está continuamente presente e próximo?

Desse modo, quando a pessoa procura formas de suprimir ou ignorar a realidade que é essencialmente a sua, ela estará afastando-se de si e da sua própria natureza. Acreditamos que podemos aludir a isso fundamentados no que desenvolvemos até o presente momento, principalmente acerca do ser humano e da compreensão de mistério.

Da mesma forma, a história da salvação sucede na história humana e diz respeito a uma realidade a ser alcançada agora, isso porque a graça de Deus é uma oferta constante e ela não somente é o meio para a salvação, mas a salvação mesma: Deus no seu divino amor<sup>16</sup>.

Deus, assim, revela-se como mistério silencioso, absoluto, incondicional e incompreensível<sup>17</sup>.

#### 6.1.4

#### A inculturação e o mistério de Deus

A inculturação da fé jamais poderá perder de vista que Deus sempre permanecerá mistério. Pela inculturação nos dirigimos a esse Deus que é mistério e que está presente nas diferentes culturas. Por isso mesmo, cada cultura tem algo a dizer acerca d'Ele. Mesmo que algumas sejam mais abstratas e misteriosas.

A relação e o encontro humano com Deus sempre acontecem de forma indireta, ou melhor, mediatizada. Da mesma forma Ele é sempre mistério e somente quando é compreendido como mistério estamos permitindo que Ele seja o que é por essência. Tal categoria, a de mistério, no sentido mais estrito, é a Realidade sobre a qual estão voltados todos os entes criados. Esse mistério se abre ao ser humano, a fim de que ele possa participar do mesmo e reconhecê-lo como a Realidade maior e original em sua existência. Ao fazê-lo, a pessoa humana compreenderá qual é o seu lugar e o de Deus. Assim, não procurará absolutizar o criado, o finito e o categorial, mas também superará a tentação de manipular e

<sup>16</sup> Cf. Id., *Zur Theologie der Zukunft*, p. 10.

<sup>17</sup> Cf. Id., *Gnade als Freiheit*, p. 19.

substituir Deus, permitindo que o mistério absoluto seja compreendido como realidade inerente à existência humana e por isso não ignorável.

Tal consciência não necessariamente precisa ser clara, mas pode ser a experiência de que há algo mais, que nem tudo é explicável e se reduz ao finito. Esse reconhecimento é muito importante e é o primeiro passo para posteriormente compreender-se as verdades de fé.

Como sabemos, o mistério para o qual o ser humano está orientado pode também ser distorcido, mal-interpretado e resultar em equívocos, ou ainda, ser manipulado. A linguagem acerca do mistério sagrado pode vir a ser substituída na busca arbitrária dos interesses meramente humanos.

Daí o necessário contínuo confronto com a mensagem do Evangelho. É na grande teia cultural e na pluralidade da vida humana que Deus se revela e é mediante ela que forma história com a humanidade, que a conduz rumo ao Reino definitivo. Tanto a revelação, como a fé não podem prescindir da realidade cultural, porque é nela que o ser humano vive, entende-se e faz a experiência de si e de Deus.

## 6.2

### **Contribuição antropológica e teológica do método de Rahner**

O método teológico de Karl Rahner tem em mente o destinatário da Revelação e aquele que acolhe a fé. E isso não somente por causa do âmbito estrutural, ou seja, pelo fato do ser humano estar impreterivelmente voltado para Deus, mas também em virtude de sua dimensão existencial e das suas inquietações e indagações.

São essas perguntas que movem a pessoa a “águas mais profundas” e à descoberta de que a realidade não se limita ao finito, ao contingente, ao categorial, mas à de que há algo mais a ser descoberto e que é o fundamento de tudo. Por essa razão, o ser humano precisa continuamente alimentar essas perguntas e não ignorá-las ou suprimi-las, porque elas são a gênese de novas respostas à realidade vivida e Àquela que habita na profundidade humana e da qual nenhuma criatura dispõe.

A antropologia rahneriana postula o ser humano como ente de necessidade Transcendental, de forma que em cada ação categorial do conhecimento e da liberdade ele se projeta além de si e do objeto concreto e ao fazê-lo se direciona ao mistério Absoluto, o princípio e o suporte de tudo, o que denominamos Deus. Outra característica própria da pessoa humana é a esperança de que o “mistério sustente e domine a existência como suporte assintótico e meta de um dinamismo infinito que sempre permanece circunscrito ao finito”<sup>18</sup>. Ela espera que este mistério aconteça como cume de todas as suas esperanças<sup>19</sup>.

Mediante isso o ser humano pode entregar-se à única esperança que tudo abarca e carrega, o último fundamento da esperança humana. Em outros termos, Deus. É a realidade que tudo apreende sem poder ser apreendida, o mistério indisponível<sup>20</sup>.

Em outras palavras, a Teologia Transcendental caracteriza-se pelo questionamento acerca das condições de possibilidade de um encontro com o Deus que se autocomunica livremente<sup>21</sup>.

Por isso, quando o ser humano se defronta consigo em liberdade e responsabilidade, na obediência à sua consciência, ele já está dando sua resposta à oferta que Deus mesmo faz de si mediante sua graça. E o fato do ser humano ser confiado a si, à sua liberdade, exige dele fidelidade, amor e responsabilidade diante d’Aquele que concedeu tal liberdade<sup>22</sup>.

Pelo testemunho neotestamentário, sabemos que Cristo tornou-nos livres (Gl 5,1). Tornou-se libertos dos pecados (Rm 6, 18-23; Jo 8, 31-36); da Lei (Rm 7,3; 8,2; Gl 2,4; 4, 21-31; 5,13) e da morte (Rm 6,21s; 8,21).

Daí que a liberdade no seu sentido original será sempre o sim ou não para Deus e é em primeiro lugar liberdade de ser<sup>23</sup>. Ela consiste dessa forma na auto-realização diante da orientação para Deus. Ou ainda, na plena integração da existência humana mediante o amor ao próximo e a Deus. Na inteligência do nosso Autor, a relação original para Deus é a caridade fraterna, porque essa última é para ele o único ato “categorial e original”, mediante o qual o ser humano alcança

<sup>18</sup> Cf. RAHNER, K.; THÜSING, W., *Cristologia: estudio teológico y exegético*, p. 26.

<sup>19</sup> Cf. *Ibid.*, p. 26-27.

<sup>20</sup> Cf. RAHNER, K., *Wagnis des Christen*, p. 28-29.

<sup>21</sup> Cf. MEDEL, F. B., Teologia transcendental y praxis: una reflexión desde el legado de Karl Rahner. In *Teología y vida*, v. 43, 2002, p. 470.

<sup>22</sup> Cf. *Id.*, *Wagnis des Christen*, p. 27.

<sup>23</sup> Cf. *Id.*, *Gnade als Freiheit*, p. 37.



a “categorial totalidade” da realidade e nisso realiza a experiência transcendental e gratuita de Deus<sup>24</sup>.

Essa indagação vem sustentada por uma verdade basilar em sua Teologia: o ser humano é evento da autocomunicação de Deus. Segundo nosso autor, a pessoa está radicalmente aberta à Transcendência<sup>25</sup>.

Desta forma, refletir teologicamente a partir deste método significa questionar a estrutura *a priori* presente no sujeito teológico<sup>26</sup>. Com esse intuito, Rahner reconhece a importância do método e percebe uma profunda ligação entre a Teologia Transcendental *a priori* e a Teologia histórico-categorial *aposteriori*. Tanto que, na Teologia, a última condição *a priori* do conhecimento teológico no sujeito, a graça, é o verdadeiro conteúdo e o fundamento objetivo do conhecimento obtido historicamente (*aposteriori*)<sup>27</sup>.

Esta forma de fazer Teologia, a nosso ver, mostra-se atual e eficaz para nosso contexto, por causa do seu duplo foco: a mensagem (a verdade revelada) e o seu receptor. Ela se preocupa com as condições de possibilidade de sua acolhida e as formas ou, se preferirmos, as mediações da resposta humana. No entanto, jamais poderemos esquecer, como destaca continuamente nosso autor, que é uma forma e por isso mesmo não quer ser a única, como também, não desmerecer as outras.

E por isso, cremos que a Teologia de Karl Rahner seja uma luz e que nos ajuda a pensar a inculturação da fé, já que esta parte do ser humano concreto, das suas perguntas, do seu modo de ser, isto é, da sua cultura, da sua fé concreta (seja ela explícita ou implícita), para em seguida mostrar que estruturalmente, e pessoalmente, é alguém que necessariamente tem a ver com Deus e n’Ele encontra sentido e significado para sua existência.

### 6.3

#### **A relação entre o método teológico transcendental e a inculturação da fé**

---

<sup>24</sup> Cf. Ibid., p. 42-46.

<sup>25</sup> Cf. Ibid., p. 482.

<sup>26</sup> Cf. RAHNER, K., *Schriften zur Theologie*, v. 8, p. 45

<sup>27</sup> Cf. Ibid., p. 45

A pergunta acerca de como a cultura pode iluminar a fé e que respostas ela pode trazer à mesma são centrais para nossa pesquisa, como também o contrário: como a fé responde às interpelações culturais. Com essas perguntas pressupomos que entre ambas há um condicionamento mútuo, que uma pode ajudar a compreensão e purificação da outra. É pela cultura, pelo categorial que expressamos nossa fé. Na linguagem rahneriana é pelo categorial que o transcendental se manifesta e somente nessa mediação chega a si.

Em consonância com o que já afirmamos denotamos uma analogia entre ambas. Enquanto o método teológico de Rahner pergunta pelas condições de possibilidade do conhecimento e da ação humana, o segundo ajuda a evidenciar essas condições mediante a noção ampla de cultura e como a fé tem que ser motivo de diálogo, de um crescimento espiritual mútuo.

A inculturação da fé, mediante esse diálogo, também tem primordialmente presente a concepção que o ser humano tem de si, a experiência que ele faz de si e como isso pode favorecer a busca complementar de respostas antropológicas e teológicas profundas. Cada vez mais a realidade de cada pessoa tem que ser valorizada, o seu contexto cultural precisa ser levado a sério, bem como os apelos suscitados na situação histórica concreta. Claro que tal tarefa não é fácil e não tem respostas definitivas, porque a própria realidade muda e o grau de exigência das resoluções também é muito complexo. Desta forma, tudo isso requer o empenho de toda a Igreja. Por outro lado, alguns avanços já foram conquistados, como a maior valorização do outro, o empenho ecumênico, o diálogo interreligioso..., mesmo que ainda incipientes.

Por inculturação, retomando, compreende-se a dinâmica a partir da qual determinada cultura recebe a revelação mediante a evangelização “que a compreende e traduz segundo seu modo de ser, de atuar e de comunicar-se”<sup>28</sup>. Mediante a evangelização inculturada é lançada a semente do Evangelho. O solo no qual ela se desenvolverá é a cultura. Sua expressão e desenvolvimento acontecerá conforme à preparação deste solo. O cerne deste caminho são “a vida e mensagem cristãs” e estão implicados a fé, a(s) cultura(s) e a sociedade<sup>29</sup>.

<sup>28</sup> AZEVEDO. M. de C., Inculturação. In LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. (Orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*, p. 464.

<sup>29</sup> Cf. *Ibid*, p. 464-465.

Por ser tão abrangente, é imprescindível que haja um profundo conhecimento dos matizes e da identidade da cultura a ser evangelizada, dos símbolos importantes para ela, dos valores, elementos estruturais, formas de conceber as relações e do mundo. Nessa adequação, o conhecimento antropológico antecede o teológico; dessa forma, é mister primeiro identificar os componentes e as estruturas culturais, para depois lançar o olhar à ação e presença de Deus na vida e história desta cultura antes da chegada do evangelizador<sup>30</sup>.

Todavia, como nas culturas, o imaginário, as experiências e os símbolos são diferentes, a transmissão da fé também deverá suceder de diversas formas, a fim de proclamar com fidelidade o único conteúdo da fé. Isso porque não é possível harmonizar tudo numa única forma. A unidade da fé, da esperança e do amor pode e deve ser expressa de forma plural, uma vez que as realidades não são as mesmas, como também são diferentes os endereçados. Para tanto, numa primeira instância é preciso perceber onde estamos lançando a semente do Evangelho, quem é seu receptor, para num segundo momento começar a evangelização propriamente dita.

Nesse sentido, o diálogo entre o que o ser humano é e como ele se expressa, (cultura) com o que ele acredita, mostra-se uma via eficaz para que a fé encontre cada vez mais espaço na vida das pessoas. Além do mais, tal estratégia fará com que a pessoa perceba que a fé não é alheia à sua vida e que ela não quer ser resposta a algo vindo de fora, mas sim um convite interno que está continuamente ofertado para o ser humano (por Deus).

No processo da inculturação da fé tem-se presente o destinatário, aquele que acolhe Deus, que o reconhece em sua vida. De forma semelhante, no método de Rahner, procura-se perceber as condições reais deste sujeito, as perguntas que ele traz, para que com base no seu contexto seja possível responder positivamente a Deus. Nesse sentido, busca-se trazer a fé mais perto do contexto das pessoas, da sua própria experiência e fazer com que elas descubram, cada vez mais, Deus no cotidiano da existência humana. Tal experiência, que num primeiro momento é individual, necessariamente deve conduzir à coletiva, à comunidade de fé (Igreja), lugar no qual a fé é testemunhada e vivida comunitariamente.

---

<sup>30</sup> Cf. Ibid, p. 470.

Por isso, a vivência pessoal da nossa fé é chamada a ser expressa e vivida em comunidade. Além do mais, é essa última que orienta, que evidencia o caminho a ser seguido e reconduz a pessoa no bom caminho quando essa se afasta do mesmo. Procura com isto evitar fanatismos, exageros e inclusive desvios de todos os tipos.

Mediante a inculturação percebemos cada vez mais as pluralidades, as diferentes formas de crer e expressar a mesma fé cristã. Esse processo favorece integrar sempre mais a fé na existência humana. A teologia de Rahner ressalta amplamente como essas duas grandezas estão interconectadas: aquela expressa-se e realiza-se nessa última e o mesmo é válido para o inverso.

Na Inculturação amarramos fé e cultura. Nenhuma das duas realidades se esvazia, nem se desfigura em sua essência e identidade. Ao contrário, almeja-se uma maior inteligibilidade de e entre ambas. No entanto, esse caminho somente será eficaz se não for motivado mediante um diálogo apenas aparente, mas sim pelo diálogo que mergulhe nas raízes das questões de forma comprometida e responsável.

Por outro lado, confiamos que a inculturação ajuda a tornar a fé anônima, explícita, ou melhor, possibilita que a pessoa reconheça que sempre esteve abrangida por Deus mesmo sem ter ciência disso.

O ponto de partida antropológico para a inculturação acreditamos ser de grande valia e, nesse sentido, acreditamos que a contribuição da teologia de Karl Rahner seja fecunda, porque sua forma de fazer Teologia parte de perguntas e questionamentos humanos concretos. Parte-se do humano comum em todas as culturas e, com base nele, pretende-se compreender o apelo que Deus mesmo faz ao ser humano mediante sua graça, para que verdadeiramente receba a si e ao próprio Deus que habita no mais profundo do seu ser. Tem assim como meta a pessoa concreta, uma vez que nela acontece esse encontro entre fé e cultura, ambas podendo ser melhor compreendidas e também purificadas caso haja distorções.

Assim, pela inculturação, a pessoa pode descobrir e ser introduzida neste mistério ao qual está orientada. Com isso, é levada a reconhecer que Deus sempre esteve com ela em sua cultura e agora chega a uma consciência explícita do mesmo.

## 6.4

### A relação e o diálogo entre fé e cultura

O decreto sobre o ecumenismo do Vaticano II realça continuamente a categoria “diálogo”. E esse mesmo termo também é muito importante para a inculturação da fé, porque é mediante ele que é buscada a unidade. O diálogo ajuda que a fé alcance o ser humano de hoje<sup>31</sup>.

Como em cada cultura sobressai-se algum aspecto, o processo da inculturação da fé ajuda na integração dos diferentes aspectos que compõem a crença. E o confronto com as culturas faz com que uma cultura não se reduza a um único aspecto, mas seja continuamente lembrada pelos demais componentes.

A fé cristã é solidária com a cultura, por isso fé e cultura estão profundamente conectadas. Mediante o diálogo entre ambas a pluralidade vem integrada, ou melhor, nele a cultura procura ser harmonizada, para desembocar na unidade e vivência da mesma fé.

A inculturação visibiliza que as diferentes culturas têm algo a dizer e ajudam na explicitação da mensagem Evangélica e da fé. Por outro lado, a inculturação não poderá ser absolutizada, ou melhor, ela não pode ser compreendida como resposta definitiva, porque ela será sempre resposta provisória acerca do Absoluto, visto que está sempre situada numa determinada cultura, num determinado povo. Com isso é descabida a absolutização da forma do crer, como também a uniformização da fé, para todas as pessoas e todos os tempos.

O mundo e as coisas são mediações e formas que ajudam a levar para Deus e por isso não poderão ser absolutizadas. São meios e formas que nos ajudam a levar para Deus, isto quando não se tornam formas de promover a injustiça e a desigualdade. O meio não pode ser absolutizado, ao contrário é ele que deve nos conduzir ao fim, ao Absoluto.

Portanto, a inculturação da fé, como toda Teologia, é sempre resposta finita, categorial, situada, por isso provisória acerca do mistério Absoluto. Ser resposta provisória, entretanto, não significa ser superficial, já que a fé abrange a totalidade da vida humana.

---

<sup>31</sup> Cf. LEHMANN, K.; RAFFELT, A. (Orgs.) Karl Rahner: *Sämtliche Werke*, v. 27, p. 68.

### 6.4.1

#### A fé encarnada na vida

Quando falamos de fé referimo-nos ao sentido profundo e abrangente dessa palavra, ou seja, como decisão pessoal, como força motriz do coração e não uma convenção social ou algo do gênero. Por isso consiste em acolher na própria existência o mistério santo que se tornou infinitamente próximo na absoluta autocomunicação de Jesus Cristo e na sua graça<sup>32</sup>.

Por essa razão precisamos ajudar as pessoas a refletir acerca das razões da sua fé, no que ela se fundamenta e como podemos acreditar hoje de forma sincera e sem desembocar numa “fé cega” e infantilizada. Nesse intuito, estamos cientes de que para nosso teólogo a fé é muito mais que sentenças externas, mas resposta ao que o ser humano é e realiza em sua vida. Assim, reivindica toda a existência humana e concerne a verdadeira auto-realização humana. Isso revela que o ato de fé não é algo paralelo da vida humana, mas ao contrário, é o cerne que confere sentido e completa as exigências e esperanças humanas.

Pelo que afirmamos acima, observamos que a fé é uma opção de vida, ou melhor, uma entrega e engajamento pessoais à Realidade indisponível. É apreender que N’ela estão as respostas às questões centrais que o ser humano traz consigo.

Por outro lado, ela precisa desembocar na profissão coletiva da fé (eclesial). Essa será melhor compreendida, à medida que haverá maior clareza daquela e vice-versa.

### 6.4.2

#### Reflexão original acerca da fé

A reflexão teológica de nosso autor ajuda a perceber com profundidade que a fé consiste, sobretudo, em uma realidade interna, a qual quer ser descoberta. Desse modo, abrange a dimensão existencial e ontológica da fé.

A fundamentação antropológica da teologia do nosso autor, por sua vez também não conduz à redução subjetivista da fé, porque a resposta definitiva será

---

<sup>32</sup> Cf. RAHNER, K., *Gegenwart des Christentums*, p. 31.

sempre a Revelação de Deus, mas faz com que a Teologia se pergunte e procure respostas à seguinte pergunta: como a fé, em suas definições, dogmas e reflexão responde às perguntas, aos problemas postos pelo ser humano? Isso porque, a fé cristã é verdade para todos os tempos, para as perguntas que cada qual traz consigo para as diferentes relações<sup>33</sup>.

Nós chegaremos a respostas satisfatórias se partirmos das perguntas que norteiam a existência humana. E mesmo que os questionamentos sejam os mesmos do passado, eles exigem respostas novas, porque além de cada época ter seu horizonte de compreensão, as categorias podem expressar diferentes realidades em épocas distintas.

Por essa razão a pessoa humana tem o direito de procurar nela mesma, o que já fora comunicado para ela na graça divina e assim compreender o que é afirmado na Palavra de Revelação<sup>34</sup>.

Logo, o ser humano pode reconhecer e acolher a Deus, porque antes de tudo, já foi potenciado para o seu reconhecimento. Do mesmo modo, somente pode amá-lo, porque antes já foi amado por Ele, como também pode ouvi-lo, por causa de sua abertura para Ele. Por isso a humanidade reconhece a Deus, porque Ele a reconheceu primeiro, o ama porque desde sempre foi amada por Ele<sup>35</sup>. Assim, é preciso reconhecer que Ele está presente mesmo antes de ser invocado, e precisa e pode ser encontrado no cotidiano humano.

A fé reivindica responsabilidade diante de Deus e engajamento no mundo concreto. Somos continuamente exortados por ela a lutar por melhores condições de vida, por justiça, pela paz...

Por outro lado, ela se alimenta da esperança escatológica, ou seja, da realidade do Reino de Deus, que em última análise é Deus mesmo. E essa esperança é fruto da sua ação livre e graça<sup>36</sup>.

Rahner assinala que o ato da fé reside, sobretudo, na entrega a Deus, no confiar-se a Ele, no aceitar o convite do seu amor, enfim, no perder-se “para dentro de Deus”<sup>37</sup>.

<sup>33</sup> Cf. Id., *Das Freie Wort in der Kirche*, p. 37.

<sup>34</sup> Cf. Id., *Die Zukunft der Kirche hat schon begonnen*. In ARNOLD, F. X. et. al. (Orgs.) *Handbuch der Pastoraltheologie*, v. 4, p. 750.

<sup>35</sup> Cf. KLINGER, E., *Das absolute Geheimnis im Alltag entdecken*, p. 58.

<sup>36</sup> Cf. RAHNER, K., *Gnade als Freiheit*, p. 149-150.

<sup>37</sup> Cf. Id., *Gebete des Lebens*, p. 23-24.

Diante disso, a fé cristã consiste numa caminhada a ser feita em comunhão e não em um pacote de verdades a serem simplesmente recebidas sem a menor reflexão posterior acerca das mesmas. E é, por isso que sobre Deus não se sabe tanto mediante expressões e palavras, mas antes de tudo, pela experiência, pela vivência concreta do ser humano, porque com isso experimenta-se Deus como “primeira e última” experiência da nossa existência. “Experimenta-se” a Ele e não a uma compreensão acerca n’Ele.<sup>38</sup>

O autor salienta, então, que o “núcleo vivo e verdadeiro” da fé cristã não consiste numa quantidade de verdades obscuras, mas o que verdadeiramente compreendemos e experienciamos na nossa orientação para o mistério e a certeza de que nossa esperança e nosso amor chamam por Ele<sup>39</sup>.

Como mostra o teólogo de Freiburg, a fé cristã em seu núcleo e identidade vem expressa no Novo Testamento mediante “pequenas fórmulas de fé”, como por exemplo, a confissão “Jesus é o Messias” (Jo 20, 31) e também a de Jesus como o Senhor ressuscitado (Rm 10,9), dentre tantas outras<sup>40</sup>.

Em consonância com isso, não é possível falar de fé e Revelação sem lançar o olhar àquele que responde à oferta salvífica da graça e à como ele está situado, seu contexto, seus conceitos e preconceitos; o que ele considera o fundamento de sua existência. Nossa fé é sempre situada.

Da mesma forma, a Teologia também não se funda unicamente no conhecimento teórico, mas primeiramente na experiência de fé, na busca de respostas convincentes que emanam da experiência pessoal e eclesial.

Por conseguinte, a pessoa, com a ajuda da Igreja, procurará por meio do discernimento descobrir no que de fato ela deverá acreditar. Isso porque no contexto hodierno as pessoas acreditam em muitas coisas, mesclam diferentes elementos de religiões distintas, enfim falta uma visível clareza de fé. Daí que, ao mesmo tempo em que convivemos com esse pluralismo de crenças, precisamos saber no que de fato acreditamos enquanto cristãos e como podemos efetuar um diálogo pautado no respeito e na responsabilidade em busca de uma fé que busque cada vez mais a unidade e o diálogo.

<sup>38</sup> Cf. *Ibid.*, p. 28-29.

<sup>39</sup> Cf. *Id.*, *Wagnis des Christen*, p. 41-43.

<sup>40</sup> Cf. *Id.*, *Schriften zur Theologie*, v. 8, p. 156.



Na vivência de nossa fé, estamos sempre a caminho, porque ela é itinerante. Sempre novas respostas são esperadas em novas épocas, mesmo que a verdade seja sempre a mesma. Se a Teologia não procura motivar o encontro e o diálogo entre a fé e a cultura, isto é, o que somos e vivemos, ela está cada vez mais restringindo seu campo e seus destinatários. Neste ponto, há um grande desafio, uma missão árdua, mas muito válida, porque fará com que as pessoas convençam-se e encontrem-se no caminho da fé e descubram Deus em suas vidas.

### 6.4.3

#### **Unidade fé e vida**

Se nós conseguirmos mostrar a estreita relação e unidade entre fé e vida; se mostrarmos que mesmo as sentenças de fé consideradas complicadas pelo povo têm necessariamente a ver com a existência humana concreta, elas seriam mais facilmente assumidas pelo ser humano. Da mesma forma, ajudar que ele parta da própria vida, da experiência que ele faz de si e também de Deus, para então chegar às verdades centrais de fé e mostrar como há uma interação, relação e unidade entre ambas, com certeza isso abriria novos horizontes e luzes para o crer. No fundo, trata-se de ajudar a cada um a compreender como a antropologia leva à Teologia e vice-versa. Essa dinâmica elucidará que fé é muito mais que sentenças complexas. Fé diz respeito ao verdadeiro fundamento da própria vida e seu justo direcionamento.

Contudo, antes de dar respostas à fé é preciso ver quais são as perguntas que o receptor traz, as suas dificuldades em aceitar as verdades de fé, a sua busca incessante pelo mistério. Ao contrário, serão oferecidas respostas, as quais não refletem a existência concreta da pessoa e assim poderão facilmente cair no descrédito. O confronto existencial entre a situação concreta da pessoa e sua orientação para o mistério incompreensível poderá ser frutuoso quando alguém a ajuda a compreender como isso se desencadeia. Esse intermediário servirá assim, de ponte e auxilia para que ela perceba essa Realidade, a qual desde sempre já está presente em si. A pessoa, poderá, desta forma, reconhecer-se como ontologicamente orientada para Deus e assim perceber sua radical proximidade.

Essa perspectiva tem como ponto de partida o confronto do ser humano consigo mesmo, com a própria realidade, com sua auto-realização. Quando a pessoa de fato assume a si própria, ela dá margem à percepção que cada um de nós não tem como fim a si próprio, mas a realidade que habita no mais profundo da existência humana e quer ser descoberta.

Por isso, o ser humano não precisa inventar nada, nem mesmo lançar seu olhar para o longínquo, o totalmente desconhecido. Ao contrário, é no cotidiano da história que a pessoa experimenta sua transcendentalidade e sua inevitável relação com Deus.

A fé possui, desse modo, um duplo aspecto, ou seja, é uma resposta existencial, porque cada um traz a si mesmo para dentro dela e a partir disso percebe a plausibilidade a partir de sua vida concreta, e depois percebe que ela não tem respostas para tudo e que seu existir não se resume à esfera horizontal, mas possui uma esfera vertical. Nesse sentido podemos dizer que a fé é a resposta radical do ser humano a Deus e a si mesmo e que nem todos chegam a uma consciência reflexa disso e por isso muitos respondem implicitamente.

Parece-nos que enfatizar num primeiro momento o aspecto existencial da fé, ajudará a descomplicá-la, permitirá a derradeira compreensão das verdades proclamadas e professadas, porque desse modo a pessoa já se identifica com ela, ao perceber que é algo pertencente à própria natureza.

A resposta humana à oferta que Deus faz de si assim acontece no cotidiano de nossa vida. Muitos esperam intervenções miraculosas, extraordinárias de Deus e, ao não denotar isso podem até se tornar descrentes. Esquecem-se de algo muito importante: a ação de Deus acontece no anonimato do cotidiano, os sinais divinos estão presentes na experiência concreta.

#### **6.4.4**

##### **Ato de fé: resposta livre a Deus e a si próprio**

No ato da fé, como já ressaltamos, a pessoa não somente responde a Deus, mas também a si mesma. Do mesmo modo quando alguém busca conhecer mais a Deus, também obterá maior conhecimento de si. Nessa acepção toda sede de Deus é simultaneamente sede de auto-conhecimento, do encontro consigo

diante do mistério incompreensível. E, assim, quanto mais a pessoa acolhe a sua realidade, a si mesma, maiores são as possibilidades dela reconhecer e acolher a Deus. O mesmo é válido também para o contrário, pois, quanto mais conscientemente ela foge de si, mais suprime e ignora o que ela é, da mesma forma suprimirá e ignorará a realidade que habita seu interior e que permanece incompreensível.

A resposta de fé a Deus será primeiramente uma reação a pergunta acerca do ser humano em sua essência, visto que em todo conhecimento (como vimos no método teológico antropológico transcendental) o sujeito cognoscente está necessariamente implicado e com ele é co-conhecido.

Por outro lado, não podemos esquecer que o ato da fé é, sobretudo, obra da graça de Deus, isto é, venha conduzido e se realize pela própria realidade criada: Deus. Tal fato, no entanto, não pode motivar apenas uma vivência individual da fé, mas precisa desembocar num ato comunitário, na Igreja, visto que Deus dirige sua Palavra a ela e nela quer ser ouvido e crido<sup>41</sup>.

A fé, num sentido mais profundo, é a radical possibilidade da realização humana, porque é mediante ela que cada qual chega a si mesmo. Do mesmo modo, quem não se aceita e acolhe, não poderá encontrar Deus. O ser humano somente estará junto de si, na medida em que estiver relacionado com o outro, pois o próximo é a condição de possibilidade para a pessoa estar junto de si. Trata-se, acima de tudo, de deixar-se encontrar por Deus e fazer a experiência do seu amor no cotidiano de sua existência<sup>42</sup>.

Como vimos, a realidade da fé já está presente em nós pela graça de Cristo. A fé é confirmada pelo testemunho dos primeiros discípulos e pelo dado revelado. É mediante esse testemunho que o cristão pode verdadeiramente reconhecer a realidade que nele sempre esteve presente, como oferta e que quer ser reconhecida como tal.

Se o ser humano é fiel a si e a sua orientação primordial, ele encontra uma via que o conduz para Deus. Na verdade esse último cria as condições para que aquele se encontre consigo e ao fazê-lo descubra que em sua vida existe Alguém, do qual não dispõe e que o chama à salvação.

---

<sup>41</sup> Cf. Id., *Gegenwart des Christentums*, p. 81.

<sup>42</sup> Cf. KLINGER, E., *Das absolute Geheimnis im Alltag entdecken*, p. 39-40.

Se, por um lado, já comungamos da unidade mediante a graça justificadora, há uma grande defasagem no âmbito do discurso, da reflexão e da sociabilidade<sup>43</sup>. O afirmado designa que aquela unidade que nos é indevidamente comunicada pela graça de Cristo, precisa ser edificada, crescer em nós e mostrar-se socialmente.

O elemento fundamental do ser humano é sua intercomunicação, o que para Rahner é uma constituição transcendental de sua existência<sup>44</sup>. Ou seja, está em contínua relação com os outros, com o mundo e com Deus. Todas essas intercomunicações fazem com que ele chegue a si mesmo.

Dito com outras palavras, as respostas à fé e à salvação humana não estão fora do seu círculo existencial, mas em seu interior e mediante o confronto consigo, com o mundo, com o outro e com Deus, a pessoa vai se descobrindo como alguém imerso no mistério sagrado.

O intuito teológico de Rahner é mostrar que a doutrina da Igreja e a Teologia tradicional são as explicitações daquela Realidade já conferida ao ser humano na graça. Essa estreita ligação aponta para dimensão existencial da fé e lhe permite perceber que cada objeto está relacionado com Deus, o qual se doa como o fundamento original e o futuro absoluto<sup>45</sup> de toda a realidade<sup>46</sup>.

É o encargo de fazer surgir aquelas verdades que querem ser descobertas e que estão no fundo da pessoa humana; de apresentar resoluções plausíveis aos problemas hodiernos. Mas isto somente é viável se solidificados por uma antropologia e Teologia que enfrentem os desafios atuais e não tenham medo de buscar respostas novas aos problemas novos, assim como para os antigos. Se não nos preocupamos em saber quem é essa pessoa que busca responder, mediante a fé e sua vida, ao apelo de Deus e fazer com que ela consiga interagir com a fé professada em Igreja, ela poderá se sentir não compreendida e distante do vínculo eclesial.

<sup>43</sup> Cf. LEHMANN, K.; RAFFELT, A. (Orgs.) Karl Rahner: *Sämtliche Werke*, v. 27, p. 92.

<sup>44</sup> Cf. RAHNER, K., Grundentwurf einer theologischen Anthropologie. In ARNOLD, F. X. *et. al.* (Orgs.) *Handbuch der Pastoraltheologie*, v. 2/1, p. 32.

<sup>45</sup> Para Rahner a pergunta pelo futuro absoluto do ser humano é o que normalmente é denominado de Deus, ou melhor, esse é o futuro absoluto para aquele. Em sua existência a pessoa pode alcançar o futuro absoluto, uma vez que o mesmo é o futuro do ser humano. E é assim uma real possibilidade e consiste na acolhida desse que permanece sempre o mistério indisponível. Enfim é Deus que sustenta e fundamenta todo o projeto futuro e assim vem co-afirmado quando a pessoa se projeta para o futuro e se questiona acerca do mesmo. (Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 6, p. 77-81.

<sup>46</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 8, p. 50s.

A fé requer uma decisão plena do sujeito que responde livremente ao Deus que se autocomunica e revela na gratuidade do seu ser. Logo, nela subjaz um duplo aspecto que se condiciona mutuamente: um transcendental e um categorial<sup>47</sup>.

Assim, a forma mais “existencial de falar de Deus”, mostra como cada um está vinculado ao mistério indisponível e que a linguagem humana está em contínua transformação. Novas categorias surgem, outras adquirem novo significado e por isso cabe um papel insubstituível à hermenêutica<sup>48</sup>, porque não existem “respostas prontas” para tudo, elas precisam ser buscadas no contexto vital, no momento histórico. Como nosso autor sublinha, a Teologia tem indispensavelmente uma tarefa hermenêutica<sup>49</sup>.

#### 6.4.5

##### O aspecto hermenêutico da fé

Nosso teólogo acentua que uma verdade de fé pode ser compreendida de diversas maneiras. Pode ser vista com base na Sagrada Escritura, na doutrina oficial da Igreja ou nos diferentes significados que ela pode assumir...<sup>50</sup> A fé possui uma dimensão interrogativa, a qual continuamente está em busca de uma maior compreensão da verdade revelada e da pessoa de Jesus Cristo<sup>51</sup>.

Dentro da história da fé é perceptível uma diversidade de fases em decorrência dos diversos povos, culturas e do ser humano em si mesmo. A fé cristã simultaneamente é expressa de diferentes formas, às vezes inclusive dentro do mesmo contexto. O encargo da fé é algo que exige e é árdua a tarefa dessa maior explicitação<sup>52</sup>. No entanto, esse caminho não é feito solitariamente, pois a fé cristã tem um vínculo substancial com a comunidade, com a Igreja, porque ambas estão interligadas, ou melhor, “a fé faz a comunidade”<sup>53</sup>.

<sup>47</sup> Cf. Id., *Wagnis des Christen*, p. 97.

<sup>48</sup> Cf. KLINGER, E., *Das absolute Geheimnis im Alltag entdecken*, p. 51.

<sup>49</sup> Cf. RAHNER, K., Die grundlegenden Imperative für den Selbstvollzug der Kirche in der gegenwärtigen Situation. In ARNOLD, F. X. et. al. (Orgs.) *Handbuch der Pastoraltheologie*, v. 2/1, p. 267.

<sup>50</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 1, p. 224.

<sup>51</sup> Cf. Id., *Ich glaube an Jesus Christus*, p. 8.

<sup>52</sup> Cf. Id., *Im Heute glauben*, p. 11-12.

<sup>53</sup> Cf. Ibid., p. 15-16.

A dificuldade da fé por parte do ser humano hodierno não consiste tanto no fato de ele não querer crer, mas no fato de muitas vezes não conseguir acreditar no que é apresentado para ser crido e, mais especificamente, na forma pela qual isto é feito<sup>54</sup>.

A fé em si permanece sempre a mesma, a mesma verdade a ser proclamada às diferentes gerações, precisa ser anunciada de forma nova. Por isso a fé necessita permanentemente realizar-se de novo e diferentemente, para que alcance o ser humano hodierno. Para Rahner, a fé cristã alcança verdadeiramente a pessoa quando ela aparece como resposta à pergunta que o ser humano faz e ele mesmo é<sup>55</sup>.

Como ressalta Rahner, a fé quer ser compreendida em sua profunda conexão com o mundo, porque é nele que ela se concretiza. É perceptível que ela é possível em consonância com as outras experiências<sup>56</sup>.

Nosso teólogo, quando reflete acerca da fé, tem presente também a situação concreta da pessoa, o mundo no qual ela quer ser crida e isso em meio às dificuldades, incertezas e problemas... Cada época possui uma tarefa precisa e com certeza é algo inquietante, uma vez que procura-se pela devida explicitação para o próprio tempo<sup>57</sup>.

Rahner salienta que a Teologia deve lançar seu olhar para tudo. Nesse sentido, precisa voltar-se para todas as pessoas, já que todas têm a ver com Deus e estão orientadas para Ele, independentemente se o ser humano quer ou não, se ele o aceita ou o refuta<sup>58</sup>.

No entanto, nossa fé precisa deixar Deus ser Deus, concebê-lo como maior que nosso espírito, que nossa palavra, nosso coração, nossa fé e a fé da Igreja<sup>59</sup>. A pessoa é convidada assim, não somente a aceitar “o mistério da infinita interrogação” que é ela mesma, mas a expressar-se na palavra e na profissão de fé da comunidade<sup>60</sup>. Acreditar assim que Deus é o eterno mistério, o qual se

<sup>54</sup> Cf. RAHNER, K.; WEGER, K-H., *Was sollen wir noch glauben?*, p. 153.

<sup>55</sup> Cf. RAHNER, K., *Im Heute glauben*, p. 34.

<sup>56</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 14, p. 23-24.

<sup>57</sup> Cf. Id., *Im Heute glauben*, p. 24-26.

<sup>58</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 15, p. 67.

<sup>59</sup> Cf. Id., *Im Heute glauben*, p. 50.

<sup>60</sup> Cf. Id., *Ich glaube an Jesus Christus*, p. 47.

autocomunica na “radical imediatez”, mediante a experiência da graça na própria vida e na história na pessoa de Jesus Cristo<sup>61</sup>.

Como sabemos, a fé da Igreja consiste no que ela própria crê: Cristo, seu Espírito, a vida eterna...<sup>62</sup> As verdades são sempre as mesmas, porém, cridas diversamente. (cf. 1Jo 1,1). Por isso a hermenêutica teológica é um instrumento indispensável para dar a devida compreensão à fé.

Nesse âmbito, Rahner destaca que a história dos dogmas é verdadeiramente história da fé. O necessário desenvolvimento do dogma possibilita a sua verdadeira inteligência. Percebe-se, dessa forma, que o novo procede em dependência do antigo. Embora, essa verdade nova já esteja inclusa na antiga, ela precisa ser descoberta e desenvolvida<sup>63</sup>.

Além do mais, a necessidade do desdobramento e desenvolvimento do dogma não quer dizer que lhe falte algo, mas ao contrário, que a verdade nele presente precisa ser novamente explicitada para que seja compreendida em sua intenção original<sup>64</sup>.

A busca de novas explicitações da fé visa, então, responder àqueles questionamentos que hoje são suscitados e reclamam por uma resposta satisfatória. Isso alude ao fato de que o dogma pode ter uma história e que a verdade revelada a nós por Deus, pode sim ser desenvolvida e explicitada de diferentes formas. Diante disso novas verdades podem surgir pela iniciativa divina, como explicitação daquela que Ele comunicou de uma vez por todas em Jesus Cristo<sup>65</sup>. Dessa maneira o Novo Testamento tem uma grandeza normativa para todos os tempos<sup>66</sup>.

Como o questionamento acerca das razões do crer é hoje uma constante, a fé não pode ser somente uma determinação externa, sem adentrar em seu interior e na sua própria estrutura. Não basta a afirmação da Igreja sobre o que deve ser crido. Claro que isto é importante, mas igualmente o é o questionamento pela condição, pela essência, pelas motivações e como de fato a pessoa tem acesso a

---

<sup>61</sup> Cf. Id., *Im Heute glauben*, p. 52.

<sup>62</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 1, p. 62.

<sup>63</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 5, p. 35-36.

<sup>64</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 4, p. 20-21.

<sup>65</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 5, p. 37.

<sup>66</sup> Cf. *Ibid.*, p. 41.

ela. Isso não pode suceder abstratamente, mas tendo presente a própria experiência da pessoa<sup>67</sup>.

Nesse ponto, o autor sublinha que ao pôr-se a serviço da proclamação do Evangelho, o foco não poderá estar exclusivamente naqueles que já crêem, mas também naqueles que se mostram desconfiados, têm dificuldade de crer, ou ainda que consideram a mensagem do Evangelho, apesar de bonita, muito antiga para ser digna de fé. Tem ela, assim, a missão de elucidar que a fé é verdadeira e fidedigna e por isso plenamente realizável<sup>68</sup>.

Assim, a fé cristã precisa ser reinterpretada, o que constitui uma tarefa constante para a Igreja e para a Teologia, pois, como dito, cada época tem suas próprias compreensões-chaves e horizontes de compreensão<sup>69</sup>.

Além do mais, a experiência de Deus feita pela pessoa humana é complexa e multidimensional assim como o é a natureza humana. Como já elucidamos, ela engloba toda a sua existência, a sua experiência do sentido, do amor, da fidelidade e da sua realização histórica. A complexidade também reside no fato de que o ser humano jamais conseguirá realizá-las e exprimi-las plenamente<sup>70</sup>.

Sabemos, assim, que a forma do crer, devido ao seu contexto e às novas interpelações que emergem, necessariamente muda. Torna-se clara a tarefa eclesial e teológica de tornar a fé compreensível, servindo-se de elementos cognoscíveis à época, permanecendo fiel ao Kerigma, às palavras e às obras do próprio Cristo. Nisto reside uma das tarefas mais árduas da Igreja. Ou seja, ela precisa, com categorias próprias da nossa época, de acordo com a lógica do pensamento atual, transmitir a verdade divina.

## 6.5

### **A inculturação e complementaridade entre os diferentes aspectos inerentes à fé**

<sup>67</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 14, p. 36-37.

<sup>68</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 15, p. 82-83.

<sup>69</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 13, p. 111.

<sup>70</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 15, p. 135.



A fé situa-se entre a racionalidade e a emotividade. Por isso não é só sentimento e muito menos só razão. Há complementaridade entre ambas. Da mesma forma, há reciprocidade entre sua dimensão espiritual e racional. Ambas são importantes e devem ser regidas por certa proporção<sup>71</sup>.

O teólogo de Freiburg afirma que a fé não é algo somente racional e não só emocional, embora ambas sejam dimensões importantes e indispensáveis. A fé não pode ser vista como puro sentimento e da mesma forma a inculturação não pode reduzir-se neste aspecto. Não é possível querer somente inculturar a fé a partir de uma única dimensão, isto é, do sentimento, mas é preciso ter em mente todos os seus componentes e dimensões.

Ao remeter isso para as culturas percebemos que existem algumas que valorizem diferentes aspectos do ser humano, uma mais a razão, outra mais o símbolo, a música, o celebrativo, a contemplação, dentre tantos outros aspectos. Tudo isso é importante para a fé e o ato de crer. As diferentes culturas ajudam-nos a perceber a pluralidade de expressões e que a fé não pode ser reduzida a apenas uma dimensão, por exemplo, a racional, ou ainda, a espiritual. Este é um processo que nos faz erguer os olhos para a alteridade, para o que pode ser esquecido. Ele nos ajuda a olhar para o todo e a perceber que os diferentes aspectos da vida humana são importantes, interpenetram-se e se complementam. Além do mais, a realidade em si é heterogênea e não pode ser homogeneizada. Daí dizer que a o racional completa o espiritual e vice versa.

A espiritualidade, em consonância com as mudanças já presentes em nosso contexto e aquelas ainda emergentes, sempre deverá consistir na adoração do Deus indisponível. Ou seja, deverá necessariamente estar vinculada a Jesus Cristo, o Crucificado e o ressuscitado. É uma espiritualidade vivida dentro da Igreja, na fé, na esperança e no amor<sup>72</sup>. Essas virtudes são fundamentais na existência cristã e são, assim, determinantes para nossa relação com Deus<sup>73</sup>. Com isso, é compreensível quando Rahner afirma que “a esperança espera Deus, por meio de Deus, em Deus”<sup>74</sup>.

<sup>71</sup> Cf. Id. *Schriften zur Theologie*, v. 12, p. 85-107 (Glaube zwischen Rationalität und Emotionalität).

<sup>72</sup> Cf. Id., *Praxis des Glaubens*, p. 40.

<sup>73</sup> Cf. *Ibid.*, p. 378-379.

<sup>74</sup> *Ibid.*, p. 369: “Die Hoffnung hofft Gott durch Gott, in Gott” (nossa tradução).

A experiência do Espírito – enquanto cristãos acreditamos que essa é uma dimensão basilar da nossa vida – propicia-nos a experiência do sobrenatural, ainda que de forma anônima e não-temática<sup>75</sup>.

A vida espiritual, como nosso autor a entende, significa viver com Deus e voltado para Ele. E isso é atingível quando a pessoa derradeiramente esquece-se n’Ele, quando ela permite que Deus ilumine a escuridão da sua existência (cf. 1Cor 13,13)<sup>76</sup>.

Aqui estamos falando de uma espiritualidade engajada. Ou ainda, uma “espiritualidade da procura”, isto é, radicada na experiência concreta da pessoa, nas questões que essa traz consigo, na sua busca por sentido, na pergunta pela totalidade. A experiência de Deus resulta, assim, mediante o confronto com essas questões, o que a levará necessariamente a confrontar-se com o outro, com o mundo e com Deus. Nesse sentido, ela não poderá ser evasiva ou genérica e muito menos limitar-se ao âmbito teórico, mas englobar o que o ser humano é, como ele se autocompreende, a experiência que faz de si e, por conseguinte, a que faz do próprio Deus.

Para Rahner, a oração é uma dimensão fundamental na existência humana. É nela que a pessoa acolhe a totalidade da sua existência e percebe-se como alguém orientado para o mistério indisponível. Por isso, a oração é o ato primordial da realização humana. É a forma mais elevada de “fazer experiência” de Deus<sup>77</sup>. Para ele, mediante a oração, a pessoa escuta-se como Palavra de Deus e experiencia ser acolhida, ouvida e amada por Ele<sup>78</sup>.

O mútuo condicionamento entre a fé e a oração é verificável na primorosa afirmação de Rahner: “eu creio, porque rezo” (*Ich glaube, weil ich bete*)<sup>79</sup>.

Desse modo, a noção de oração não se limita ao exercício formal, mas concerne a toda uma vida (re)conduzida a Deus e ao amor ao próximo na sua

<sup>75</sup> Cf. Id., *Vom Glauben inmitten der Welt*, p. 46.

<sup>76</sup> Cf. Id., *Praxis des Glaubens*, p. 357.

<sup>77</sup> Cf. RAFFELT, A. (Org.) Karl Rahner: *Sämtliche Werke*, v. 23, p. 216.

<sup>78</sup> Cf. RAHNER, K., *Schriften zur Theologie*, v. 13, p. 155.

<sup>79</sup> WEGER, K-H., “Ich glaube, weil ich bete”. In: *Zeitschrift für Aszese und Mystik*, v. 57, 1984, p. 51. Karl-Heinz Weger nos relata que este foi o término de uma discussão dele com Rahner, quando debatiam acerca das “provas da existência de Deus e a sua capacidade persuasiva”.

inseparável relação com Deus<sup>80</sup>. Quando a pessoa reza ela diz verdadeiramente si mesma para Deus, numa entrega incondicional a Ele.

Como o autor ressalta, na religiosidade cristã, o novo somente é genuíno, ao conservar nele o antigo e esse somente permanece vivo quando vivido de forma nova<sup>81</sup>.

A espiritualidade é um tema primordial no pensamento de Rahner e perpassa toda a sua vida e produção literária. O interessante é que em suas pequenas orações encontramos reflexões teológicas profundas<sup>82</sup>.

O pensamento teológico desse autor ajuda-nos a conjugar, em nosso ato de crer, a racionalidade com a espiritualidade, posto que para ele, a fé situa-se entre ambas. Assim, Rahner chama a atenção para a necessidade de não cairmos no racionalismo, no espiritualismo, ou mesmo no fideísmo.

## 6.6

### A Cultura como “lugar” da experiência de si e de Deus

A cultura é o “lugar” onde o ser humano faz a experiência concreta de si e de Deus e por isso é nela que acontece a vivência da fé. Como Deus revela-se na cultura, é nela que Ele quer ser acolhido. A pessoa humana, enquanto ser cultural, é convidada a abrir-se ao Deus que faz-se cultura para ela e ao mesmo tempo é convidada a interagir com o diferente, visto que isto permite que surjam novos aspectos, até então escondidos, para assim, possa fazer uma experiência autêntica do mistério santo.

Pelo afirmado, vemos que o ser humano, ao fazer a experiência de Deus, estará também fazendo experiência de si, de que é alguém que não se esgota em si e que não pode fechar-se em seu egoísmo, porque isso seria uma afronta à sua vocação primordial, que consiste justamente na sua abertura não somente ao outro e ao mundo (contingente), mas principalmente a Deus. Ao pensar essa unidade (experiência de si mesmo e experiência de Deus) a pessoa percebe sua

<sup>80</sup> Cf. MARIANI, M., *Credo perché prego*, p. 94.

<sup>81</sup> Cf. RAFFELT, A. (Org.) Karl Rahner: *Sämtliche Werke*, v. 23, p. 46.

<sup>82</sup> Cf. KLINGER, E., *Das absolute Geheimnis im Alltag entdecken*, p. 47.

proximidade com o mistério santo e que é uma Realidade sempre presente na vida humana.

Quando o ser humano acolhe esse mistério, ele não estará negando a si mesmo, muito menos anulando algo do seu ser, mas fará com que chegue a si e assim à sua auto-realização. A busca por si, a pergunta pelo que é, fará com que reflita também acerca do fundamento último de sua vida e de tudo o que existe.

Dessa maneira, é missão da Teologia levantar as perguntas que motivam necessariamente esse confronto consigo, com Deus e também com toda a realidade. Posteriormente, poderá dar a resposta, mostrando em que consiste a fé cristã. As razões do crer, os porquês, são indispensáveis, porque permitirão que a pessoa perceba-se indiscutivelmente envolvida pelo que acredita. E isso fará com que ela descubra que a razão da sua fé já está presente nela e as perguntas centrais de sua vida encontrem respostas nela mesma, porque o mistério sagrado habita em seu ser. A clareza dessa orientação ajudará a pessoa a confrontar-se com as questões cruciais de sua existência e abrir-se ao caminho mistagógico da fé.

Diante dos pressupostos lançados por Rahner acerca do ser humano, vistos principalmente no segundo capítulo, cremos que somos autorizados a afirmar que quando o ser humano age com sinceridade e fidelidade a sua consciência, ele defronta-se com Deus, e, ainda que não seja um processo reflexo e sabido, neste ato, já sucede uma experiência de Deus.

Para nosso teólogo a experiência que o ser humano realiza de si mesmo está intrinsecamente vinculada com o Absoluto. Fato esse que o instiga a afirmar que quem recebe a si mesmo acolhe em seu íntimo o mistério infinito. Nessa dinâmica a pessoa experimenta a presença de uma luz interior, chamada teologicamente de graça. No entanto, como essa iluminação é atemática, pode ser acolhida, ainda que sem a precisa clareza e consciência disso, como também ignorada ou suprimida<sup>83</sup>.

Quando a pessoa acolhe a própria existência na confiança e esperança, e não se auto-compreende de forma errônea, mergulha nesse mistério. Eis que na acolhida do mistério incompreensível reside a derradeira essência do cristianismo e por isso é Ele a razão, o princípio e o término da nossa esperança. Ele é a única e

---

<sup>83</sup> Cf. RAHNER, K., *Gegenwart des Christentums*, p. 36.

definitiva salvação. E esse mover-nos para Deus, por meio da graça divina, é articulado mediante a fé, a esperança e o amor<sup>84</sup>.

Em suma, a salvação é Deus, sua autocomunicação e sua doação gratuita ao ser humano. E, como já vimos, para a fé cristã a vontade salvífica sobrenatural de Deus se estende por todos os tempos e regiões<sup>85</sup>.

Por conseguinte, a preocupação central de Rahner consiste em mostrar a intrínseca implicação entre a experiência humana e a Revelação de Deus. Para tanto, parte do pressuposto de que cada pessoa no íntimo de sua consciência, e quando age com sinceridade e fidelidade a ela, já convive com a presença de Deus, ainda que a mesma não seja expressa explícita e conceitualmente. E nisso aparece o significado ontológico e antropológico do seu método: verificar as condições de possibilidade do ser humano e experimentar, na profundidade de sua vida, uma abertura para o mistério santo e indisponível<sup>86</sup>.

A dimensão experiencial é um acesso primordial à inculturação da fé. E aqui não se trata unicamente da experiência feita com Deus, mas engloba todas as intercomunicações humanas, as quais o remetem a essa experiência.

### 6.6.1

#### **O amor: suprema experiência de si, do outro e de Deus**

Rahner concebe que a comunicação e a relação amorosa do ser humano com seus contemporâneos, ainda que implicitamente, estende-se também a Deus, e com isso assinala que entre ambos está implicada uma reciprocidade e unidade<sup>87</sup>. Assim, em qualquer lugar onde de fato o próximo é amado temos também a experiência do amor a Deus. Em outras palavras, esse ato em si, remete-nos ao amor de Deus<sup>88</sup>, posto que, como sabemos, o fundamento e o fim último do amor é o próprio Deus. Por essa razão, quando a pessoa ama incondicionalmente o próximo, já estará amando a Deus. Além do mais, o amor ao próximo é mediação e condição para amar a Deus.

<sup>84</sup> Cf. Id., *Wagnis des Christen*, p. 30.

<sup>85</sup> Cf. Id., *Zur Theologie der Zukunft*, p. 15.

<sup>86</sup> Cf. BORDONI, M., Teologia come esperienza di Dio. In *Rassegna di Teologia*, ano 39, San Paulo, 1998, p. 434.

<sup>87</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 7, p. 297-298.

<sup>88</sup> Cf. Ibid., p. 298.

A virtude do amor abarca o todo da pessoa humana, exige entrega e doação total de si. Com isso, vemos que o amor é a realidade por excelência, porque nele encontramos a maior realidade a ser buscada por nós, uma vez que dá sentido a toda a nossa existência e preenche nosso vazio. Em suma, Deus é o princípio, o sustento e a plenitude do amor. Foi Ele que nos amou primeiro, para que também nós pudéssemos amá-lo e amar os outros<sup>89</sup>.

Para Rahner, a integração plena do ser humano reside no amor a Deus e ao próximo. E somente mediado pelo amor ao próximo sabe-se quem é Deus e que Ele habita na profundidade humana.

Quando o ser humano se entrega ao amor de Deus e perde-se n'Ele, encontra-se verdadeiramente. Por isso, à medida que a pessoa renuncia a si mesma, no amor, ela é envolvida pelo mistério santo<sup>90</sup>.

Por conseguinte, o autor de Freiburg afirma que é preciso afirmar muitas coisas ainda acerca do cristianismo, mas se o princípio não for o nosso testemunho, o amor abnegado para com o próximo, nossas palavras serão incompreensíveis, porque falta a essência, a palavra persuasiva, a qual é capaz de convencer a humanidade<sup>91</sup>.

Em consonância com esta idéia, está a de que a experiência sustentada pelo amor favorece adentrar na profundidade das coisas. Da mesma forma, somente a experiência pessoal motiva transformações, ou melhor, o coração só é preenchido por um “saber experimentado”<sup>92</sup>.

Sabemos que o amor é exigente, clama por uma entrega plena, exige o próprio coração. Só que muitas vezes damos tudo, menos a nós mesmos. Oferecemos aos outros tudo o que podemos realizar e medir, mas não o nosso coração, o qual não se deixa medir<sup>93</sup>. Nessa mesma direção, só na medida em que o ser humano amar verdadeira e autenticamente seu próximo, encontrará Deus e ao mesmo tempo poderá convencer os outros que realmente existe essa realidade designada Deus. Todas as teorias, verdades sobre Deus, o culto, a religiosidade,

---

<sup>89</sup> Cf. Id., *Von der Not und dem Segen des Gebetes*, p. 58.

<sup>90</sup> Cf. Id., *Apelos ao Deus do silêncio*, p. 17.

<sup>91</sup> Cf. Id., *Graça divina em abismos humanos*, p. 129.

<sup>92</sup> Cf. Id., *Apelos ao Deus do silêncio*, p. 46.

<sup>93</sup> Cf. Id., *Graça divina em abismos humanos*, p. 112.

enfim, tudo o que circunda e é sustentado por Ele, não seriam críveis se elas não fossem sustentadas e envolvidas pelo testemunho vivo do amor<sup>94</sup>.

O amor por essa razão é o fundamento do cristianismo e é a realidade que por excelência é digna de fé. Esse é o fundamento e o cerne do Evangelho, que torna a mensagem cristã plausível ontem, hoje e sempre.

## 6.6.2

### Experiência de Deus no cotidiano

A teologia de K. Rahner mostra profundamente como o ser humano pode experienciar Deus. Aponta, ainda, os caminhos da mediação para a relação com Deus e como essa se concretiza na história humana. A pessoa o concretiza a partir das perguntas que cada qual traz consigo. O teólogo ressalta que esses questionamentos Deus lançou nela, mas que Ele mesmo concede a luz (graça) para essa resposta.

A existência intercomunicativa da pessoa diante de Deus acontece atemática e anonimamente, e por isso pode passar despercebida. Na medida em que a pessoa recebe a si mesma em profundidade e experimenta-se como envolta pelo mistério Absoluto, ela denotará que é obra da graça, da livre autocomunicação de Deus<sup>95</sup>.

E a experiência de Deus, como sublinha Rahner, não é privilégio dos místicos, mas possível a cada ser humano<sup>96</sup>, para quem não tem medo, nem se esquiva de responder ao apelo do amor divino.

Outro elemento que aparece continuamente na Teologia rahneriana consiste na verdade de que a fé não emana por meio de discussões, mas mediante a experiência, pelas perguntas que cada pessoa traz consigo e que encontram sua resposta definitiva na pessoa de Jesus de Nazaré, porque Ele é a presença livre e absoluta de Deus em nosso meio<sup>97</sup>. Esse é um itinerário que implica toda uma vida. Quanto maior for o grau de adesão e do engajamento, mais a pessoa

---

<sup>94</sup> Cf. *Ibid.*, p. 116.

<sup>95</sup> Cf. *Id.*, *Der eine Mittler und die Vielfalt der Vermittlungen*, p. 17.

<sup>96</sup> Cf. *Id.*, *Schriften zur Theologie*, v. 9, p. 164.

<sup>97</sup> Cf. *Id.*, *Gegenwart des Christentums*, p. 43.

perceberá a ação de Deus em sua vida. Dessa forma é preciso deixar-se guiar pela luz interior, ainda que ela seja pequena, cuidando-a e permitindo que ela cresça.

Assim, uma fé ou religiosidade que quer ter ressonância na atualidade necessita possibilitar uma experiência com o Deus que se doa ao ser humano. Diante disso torna-se compreensível a frase célebre do nosso autor: “o cristão de amanhã será um ‘místico’, alguém, que ‘experimentou’ algo, ou ele não será mais cristão”<sup>98</sup>.

Daí a persistência de Rahner em aludir à importância da experiência divina feita no cotidiano de nossa vida, ao Deus que sempre quis estar com o ser humano, ao criá-lo voltado essencialmente para si. O caminho está preparado, mas cada um deve percorrê-lo e responder positivamente aos apelos de Deus e a sua contínua oferta<sup>99</sup>. Muitos respondem sem mesmo saber e sem expressá-lo publicamente.

E para nosso teólogo, a mistagogia, apresenta-se como mediação fecunda para a realização da experiência de Deus.

### 6.6.3

#### A relevância mistagógica

Rahner assinala que urge uma nova mistagogia, que tenha como base a experiência humana em sua orientação para o mistério indisponível. Deverá ela ser derradeiramente convincente e motivar uma genuína experiência de fé pessoal e religiosa<sup>100</sup>.

É necessário fazer o caminho com o ser humano, conduzi-lo ao mistério que habita o profundo da sua existência. Para tanto, é preciso, antes, ajudá-lo a descobrir que essa é realmente uma realidade presente em sua vida.

Para Rahner, a mistagogia tem que levar a sério a orientação do ser humano para Deus, sem se esquecer que o mesmo é sempre indisponível e se dá a

<sup>98</sup> Id., *Schriften zur Theologie*, v. 7, p. 22: “Der Fromme von Morgen wird ein ‘Mystiker’ sein, einer, der etwas ‘erfahren hat’ oder er wird nicht mehr sein” (nossa tradução).

<sup>99</sup> Cf. KAPPES, M., Die Bedeutung der Theologie Karl Rahners für die Ökumene. In *Catholica*, Münster, 1/2005. p. 28.

<sup>100</sup> Cf. RAHNER, K., Die grundlegenden Imperative für den Selbstvollzug der Kirche in der gegenwärtigen Situation. In ARNOLD, F. X. et. al. (Orgs.) *Handbuch der Pastoraltheologie*, v. 2/1, p. 269-270.



conhecer como mistério. Mas, por outro lado, Deus fez-se próximo em Jesus Cristo, proximidade evidenciada ainda mais, em sua crucifixão e ressurreição<sup>101</sup>.

Diante disso, emerge o papel indispensável da mistagogia na realização fundamental da Igreja, já que hoje as pessoas não acreditam simplesmente sem questionar. Nesse sentido, uma “hermenêutica existencial” pode ser amplamente significativa, porque visa integrar a doutrina da fé à experiência existencial do ser humano<sup>102</sup>.

Assim, a mistagogia quer ser o caminho mediante o qual a pessoa perceba-se como alguém orientado ao mistério indisponível, o qual não se deixa abarcar, mas que está sempre próximo e aberto para a pessoa humana<sup>103</sup>.

## 6.7

### A inculturação como diálogo frente à pluralidade

Pela inculturação da fé, a pessoa defronta-se com a pluralidade de expressões e vivências da fé. Essa pluralidade tem um único foco: a unidade em torno do essencial, da verdade basilar do cristianismo: Jesus Cristo.

O desafio é grande, porque exige muito esforço e compromisso com o outro. Quando esse processo é levado a sério e também se tomamos em conta seus possíveis riscos, consideramos ser possível descobrir que fé e cultura complementam-se e que essas diferentes expressões podem ser integradas. Vislumbra-se que nelas há elementos que contribuem para o diálogo. É imprescindível, porém que haja abertura de uma para com a outra. Devido a isso, cremos que entre ambas haja componentes que as unem e proporcionam melhor compreensão uma da outra, antes que total divergência. Assim, a fé e a cultura são duas vias que podem consolidar-se mutuamente.

Como sabemos, a Teologia hoje em dia tem um caráter fortemente plural e nosso autor já vislumbrava isso em seu tempo<sup>104</sup>. Por essa característica, torna-

<sup>101</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 7, p. 23.

<sup>102</sup> Cf. Id., *Glaubensvollzug und Glaubenshilfe heute*. In ARNOLD, F. X. et. al. (Orgs.) *Handbuch der Pastoraltheologie*, v. 2/2, p. 524.

<sup>103</sup> RAFFELT, A. (Org.) *Karl Rahner: Sämtliche Werke*, v. 23, p. 40.

<sup>104</sup> Cf. RAHNER, K., *Über die künftigen Wege der Theologie*. In VORGRIMLER, H.; GUCHT, R. V. (Orgs.) *Bilanz der Theologie im 20. Jahrhundert*, v. 3, p. 534.

se indispensável a abertura ao diálogo e à acolhida de diferentes concepções que se radicam na proclamação das verdades de fé. Contudo, estas precisam ser fidedignas do Evangelho e ao horizonte de compreensão dentro do qual está inserido o ser humano contemporâneo<sup>105</sup>.

A uniformidade limita a ação do Espírito Santo. E nesse ato temos um duplo pecado: o não respeito à alteridade e ao próprio Deus que desencadeia a vivência plural da fé. Daí a necessidade de continuamente estabelecer-se um diálogo sério e profundo entre fé e cultura. A abertura para o diferente é um desafio e ao mesmo tempo uma grande chance de fazer com que a fé seja cada vez mais crível e que chegue à situação plural da sociedade de hoje.

Portanto, a diversidade cultural só tende a crescer na compreensão da fé e do Evangelho, quando feita em diálogo e respeito à alteridade. Na cultura do outro, o Outro se revela e as diferentes culturas, dessa forma, ressaltam dimensões importantes do mistério que está continuamente oferecido ao ser humano. Esse é um caminho que se abre e ajuda a valorizar os fatores e dimensões determinantes de cada cultura, e que ajudam na explicitação das diferentes faces de Deus. Neste ponto, precisamos de realismo suficiente para reconhecer que tal tarefa é laboriosa e implica sérias dificuldades.

## 6.8

### **A inculturação e a vocação missionária da Igreja**

A missão eclesial deve ser realizada na realidade e no contexto próprios de cada época. Vivemos no tempo da técnica, do pluralismo e da co-existência de várias épocas numa só, o que faz com que tudo dependa de tudo, tornando a missão uma tarefa ainda mais árdua e desafiadora<sup>106</sup>. A pluralidade, deve no entanto, desembocar na unidade da verdade e da fé e não devem ser medidos esforços ao combate de todo exagero e fanatismo.

---

<sup>105</sup> Cf. *Ibid.*, p. 538.

<sup>106</sup> Cf. SIEVERNICH, M., Karl Rahners Neuinterpretation der Mission. In *Zeitschrift für Missionswissenschaft und Religionswissenschaft*, v. 88, 2004, caderno 2, p. 160.

A compreensão da missão para Rahner tem seu fundamento na graça, ou melhor, na possibilidade de uma experiência transcendental de Deus no Espírito Santo, mesmo quando anônima<sup>107</sup>.

Na inculturação da fé e na pregação missionária é sempre preciso reconhecer e pressupor que Deus já está presente com sua graça e abre caminho à missão, ou seja, a graça constitui o possível ouvinte da pregação. E é nesse sentido que, para Rahner, teologicamente já existe um “cristão anônimo” na escuta<sup>108</sup>.

A missão hodierna da Igreja demanda impreterivelmente um caráter dialógico, devido à pluralidade e a grande mescla cultural na qual está inserida<sup>109</sup>.

Por outro lado, não podemos esquecer que o Vaticano II afirma ser a Igreja sacramento da salvação para o mundo, ou seja, sinal histórico de salvação, porque a salvação estenda-se para além desse sinal sacramental<sup>110</sup>. (cf. 1Jo 2, 20.27)

Que a Igreja tem uma vocação missionária é o que podemos também ler no decreto *Ad gentes* do Vaticano II:

“A Igreja peregrina é, por sua natureza missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na ‘missão’ do Filho e do Espírito Santo” (n. 2). [...] “A razão desta atividade missionária vem da vontade de Deus, que ‘quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois há um Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus, que se deu em resgate por todos’ ” cf. 1Tm 2,4-6 (n. 7)<sup>111</sup>.

Rahner enfatiza que a Igreja do futuro não deverá estar unicamente com “as portas abertas”, mas ser “aberta”, ou seja, ser Igreja da acolhida, do diálogo e onde há sempre mais espaço à pluralidade. O olhar não pode estar somente fito no Templo, mas é preciso buscar meios que estreitem os caminhos entre a fé e a existência humana<sup>112</sup>. Apenas mediante isso, a Igreja fará com que a fé ressoe de fato nos corações humanos, alcance a sua realidade, ou melhor, a sua cultura.

<sup>107</sup> Cf. RAHNER, K., *Schriften zur Theologie*, v. 13, p. 237.

<sup>108</sup> Cf. Id., *Die Grundfunktionen Kirche*. In ARNOLD, F. X. et. al. (Orgs.) *Handbuch der Pastoraltheologie*, v. 1, p. 224-225.

<sup>109</sup> Cf. Id., *Grundprinzipien zur heutigen Mission der Kirche*. In ARNOLD, F. X. et. al. (Orgs.) *Handbuch der Pastoraltheologie*, v. 2/2, p. 61-62.

<sup>110</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 16, p. 164.

<sup>111</sup> CONCÍLIO VATICANO II., *Decreto Ad Gentes*, n. 2; 7.

<sup>112</sup> Cf. RAHNER, K., *Strukturwandel der Kirche als Chance und Aufgabe*, p. 112.

A fé cristã está inserida num mundo, de situações, concepções e realidades, não somente diferentes, mas também alheias e contrárias à mesma. E como visto, essa nossa abordagem é exemplificativa, porque se restringe à idolatria, ao ateísmo e ao agnosticismo. Porém, entendemos que estas concepções já ajudam a vislumbrar que existem tantas realidades que clamam por credibilidade e, que põem em questão a fé cristã, porque não somente apresentam verdades alternativas, mas também refutam aquelas professadas pelo cristianismo.

## 6.9

### Respostas aos problemas da fé

Nessa nossa resposta aos problemas inerentes à fé, não nos deteremos exaustivamente em sua explicitação. Ao contrário, o faremos de forma breve, porque compreendemos que essas já se encontram respondidas, ainda que indiretamente, no decorrer de nossa tese. Em outras palavras, acreditamos que a fundamentação antropológica e teológica de Rahner já oferece respostas convincentes, ao mostrar a devida relação entre Deus, o ser humano e o mundo.

Contudo, se, por um lado, o ser humano possui uma sede inata por Alguém de quem ele, não dispõe e ao mesmo tempo pergunta por algo que dá sentido pleno à sua existência e para o qual é misteriosamente atraído. Por outro lado, durante sua vida, poderá chegar a uma resposta, respondê-la no âmbito pessoal, eclesial e social, ou simplesmente suprimi-la, ignorar o questionamento e suplantá-lo com as atividades diárias. No entanto, se o ser humano não sacia sua sede de Deus com o próprio Deus, ele o fará mediante outras formas e buscas que ocuparão Seu lugar. Isso às vezes não é tão evidente, pois pode acontecer sutilmente. E aqui não somente estão inclusos a idolatria, o ateísmo e o agnosticismo, mas tantas outras formas, mediante as quais o ser humano procura unicamente a si e os seus desejos.

#### 6.9.1

##### Resposta breve à idolatria

Como é sabido, para nosso teólogo, Deus é incompreensível, ou se preferirmos é indisponível ao ser humano. A nosso ver, essa verdade desmascara a idolatria, porque Deus, sendo mistério, não poderá ser enquadrado em esquemas humanos nem substituído por algo. Muito menos ser usado para fins exclusivamente terrenos e corroborar as convicções humanas. Tal conduta pode, inclusive, escravizar o ser humano em torno de si e de um sistema, enquanto, de fato, Deus o criou para ser sempre livre.

A Inculturação da fé não somente ajuda na purificação das possíveis perversões, como também mostra que há um só Absoluto e denuncia quando a pessoa humana quer assumir o lugar de Deus, procura manipulá-lo para resguardar seus próprios interesses. Desse modo, querer delimitar a ação de Deus, circunscrevê-lo dentro dos parâmetros humanos, é uma forma de idolatria.

Precisamos também estar atentos às formas sutis de idolatria, as quais não permitem que Deus seja o que é: mistério incompreensível. Uma dessas consiste na falsa pretensão de querer ter todas as respostas acerca d'Ele, o que é muito perigoso e enganador. Não podemos ignorar que muitas perguntas sobre Deus necessariamente deverão permanecer abertas, porque essas são indisponíveis para nós.

A teologia de Rahner mostra amplamente como o ser humano pode e deve relacionar-se com Deus, sem perverter essa relação. Ou ainda substituir Deus por uma criatura, absolutizando-a. Como vimos, para ele há um recíproco complemento entre a experiência que a pessoa realiza de si, do outro, do mundo e de Deus, sendo que nesse último os demais são harmonizados e encontram a sua razão de existir.

## 6.9.2

### Resposta ao ateísmo

Hoje, vivemos numa época em que se procura manipular não somente Deus, mas também o próprio ser humano. O grande foco e realidade apresentados como dignos de fé pela ciência de hoje é o racional-tecnológico, uma vez que

acredita-se ser possível oferecer uma explicação das realidades e fatos sem mesmo fazer menção a Deus<sup>113</sup>.

Parece-nos muito preciosa a distinção que o teólogo de Freiburg faz ao afirmar que o ateísmo no plano da reflexão categorial pode coexistir com um teísmo transcendental. Devido à diferença entre o que o autor denomina de “transcendentalidade subjetiva e objetivação categorial” pode existir na formulação verbal e no conceito esta coexistência. Por essa razão pode existir um ateísmo sem culpa. Por outro lado, a “referência transcendental a Deus”, elemento constituinte de todo o ser humano, pode ser interpretada (objetivada) de forma falsa ou não adequadamente acertada. Isso é o que o teólogo designa de ateísmo categorial. Porém, quando essa negação é feita com plena consciência, daí estamos situados frente ao ateísmo transcendental, o qual exclui a possibilidade de salvação<sup>114</sup>.

Com base na *Lumen Gentium 16*, Rahner afirma que a pergunta por um teísmo anônimo está lançada, ainda que esse termo não seja aceito por alguns teólogos. O que é importante não é o conceito, mas sim a realidade que expressa o Vaticano II<sup>115</sup>. Ou seja, a manifestação de uma esperança universal<sup>116</sup>.

Por outro lado, Rahner enfatiza que a Igreja é sacramento de salvação também para o ateu. Isso vem expresso quando o Concílio ressalta a vontade salvífica universal de Deus e que a graça de Deus é realidade para todos e estende-se pelo mundo afora. A salvação dessas pessoas está em profunda ligação com a vocação eclesial, isto é, ser sinal sacramental, mas isto quando a pessoa não desobedece ao veredicto da sua própria consciência<sup>117</sup>.

Portanto, mediante o que vimos é sempre preciso distinguir o ateísmo relativo, ou seja, aquele que deriva da dificuldade de crer por fatores externos, daquele absoluto, mediante o qual o Absoluto é negado conscientemente.

### 6.9.3

#### Resposta ao agnosticismo

<sup>113</sup> Cf. RAFFELT, A. (Org.) Karl Rahner: *Sämtliche Werke*, v. 23, p. 37-38.

<sup>114</sup> Cf. RAHNER, K., A doutrina do Vaticano II sobre o ateísmo. In *Concilium*, v. 23, n. 3, mar. 1967, p. 18-19; cf. também p. 20-21.

<sup>115</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 16, p. 134.

<sup>116</sup> Cf. Ibid., p. 139.

<sup>117</sup> Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 15, p. 144-145.

Rahner, ao partir de sua verdade basilar acerca do ser humano, enquanto ser necessariamente relacionado com Deus, enfatiza que mesmo quando alguém mostra-se indiferente, quer suprimir esse dado, Ele está aí.

Para o autor, a interpelação para que a pessoa responda a Deus é constante, ainda que a ela não o perceba ou fuja dessa realidade. Tudo isso a interpela a dar uma resposta mediante sua vida e pela fé, a qual poderá ser explícita ou implícita, positiva ou negativa.

A teologia de Rahner evidencia que, ficar indiferente ao Transcendente por toda a vida. Ou ainda, viver sem pretensões de fundamentalidade e ultimidade, não é algo tão fácil de ser concretizado. Além do mais, no âmbito da convivência, perguntas que chamam pelo todo serão lançadas, porque mesmo que a pessoa mostre-se indiferente ao sagrado, ela convive com pessoas que n'Ele acreditam e, mesmo indiretamente, a fazem pensar sobre isso.

Por outro lado, como recorda-nos nosso teólogo, não podemos esquecer que a pessoa pode responder implicitamente à sua orientação para Deus, visto que, por inúmeras razões não consegue admitir, nem mesmo se ver confessando a fé cristã. Ou ainda, a fé dentro de outra religião.

Para Rahner, o confronto do ser humano consigo, quando feito com sinceridade e fidelidade, não o levará a fechar-se em si, mas à descoberta de que está radicalmente orientado para Deus e que sua auto-realização não sucede no egoísmo, mas na abertura ao semelhante, ao mundo e ao próprio Deus.

Desse modo, acreditamos que a teologia rahneriana ilumina as relações inerentes à existência humana e, mediante isso, desmascara distorções decorrentes de uma sociedade que privilegia o finito, o categorial, o momentâneo e quer que as religiões deixem-se esvaziar por ela.

O autor de Freiburg enfatiza o mútuo condicionamento entre o “teológico” (o mistério de Deus, o qual comunica a si mesmo), o “existencial” (recepção da própria existência, responsabilidade diante de Deus e acolhida de Deus) e a dimensão cristológica da fé<sup>118</sup>.

---

<sup>118</sup> Cf. RAHNER, K., Glaubensvollzug und Glaubenshilfe heute. In ARNOLD, F. X. *et. al.* (Orgs.) *Handbuch der Pastoraltheologie*, v. 2/2, p. 520.

Em seu caminho teológico, sempre pensou à frente, procurando novas formas que melhor explicitassem a fé decorrente do contexto histórico. Em suma, apresentou uma Teologia profunda e comprometida com sua época e com o futuro, e em seu itinerário teológico evidenciou diferentes perspectivas e rumos que levam o ser humano à fé e à vivência eclesial. Com fidelidade, criticidade e fé, perpassou o campo teológico, principalmente dogmático, para oferecer novas respostas nesse âmbito com nova significação hermenêutica e histórica.

A teologia de Rahner também caracteriza-se pela busca da unidade, por mostrar que tudo nela está relacionado, que ela pode perfeitamente partir da antropologia sem cair em reducionismos e que a dogmática, a espiritualidade e a pastoral comungam de uma unidade relacional complementar<sup>119</sup>. Em virtude disso, ressalta que a Teologia não somente é uma reflexão acerca de Deus e da fé, mas antes de tudo quer ser uma experiência de fé acerca d'Ele.

A sua teologia tem o ser humano como ponto de partida, como pergunta inicial, mas o ponto de chegada e o centro é sempre Aquele que se autocomunica na história humana: Deus. Por isso não se trata de imanentizar a Teologia. Ou ainda, super-valorizar a realidade humana, mas sim, de perceber como ambas estão intrinsecamente unidas e que Deus, ao revelar-se, responde às perguntas humanas.

Desse modo, partir das perguntas humanas e da certeza de que a pessoa humana está implicada em todo conhecimento, a nosso ver, faz com que a mensagem divina encontre eco, que a pessoa a perceba como dimensão profunda da sua própria vida e não simplesmente como algo vindo de fora e alheio a tudo que ela conhece e experiencia. Por isso assume importância cabal a experiência que o ser humano faz de si mesmo e de Deus, na situação concreta em que se encontra.

Rahner dialogava com as questões e os problemas emergentes em sua época e sinalizava o devir teológico e eclesial. Em seus últimos escritos, ele deixa transparecer que tinha ciência das grandes dificuldades a serem enfrentadas pela Igreja no futuro. E designa os tempos vindouros como “tempos de inverno”.

Pela inculturação vimos que é possível uma busca solidária por uma maior inteligibilidade entre a fé e a cultura. Mediante ela comprometemo-nos com

---

<sup>119</sup> Cf. LEHMANN, K., Karl Rahner und die Praktische Theologie. In *Zeitschrift für Katholische Theologie*, v. 126, 2004, p. 3.



o outro e reconhecemos que, continuamente, novas respostas podem surgir tanto para as novas questões, como para as antigas. Com o arcabouço teológico de Rahner, defrontamo-nos com elementos que necessariamente precisam estar inclusos nesse processo.

Portanto, a teologia de Rahner ajuda-nos a pensar a inculturação da fé. Primeiro, porque entre ambas verificamos uma analogia e segundo, porque ela sempre esteve comprometida com a busca da unidade da fé na pluralidade de suas manifestações:

“Diante de Vós toda a multiplicidade é reduzida à unidade; toda dispersão é reunida em Vós; o que era puramente exterior é introduzido pelo Vosso amor no ‘interior’. No Vosso amor, toda a saída para o mundo é susceptível de me unir a Vós, quer dizer, de me conduzir à vida eterna”<sup>120</sup>.

---

<sup>120</sup> RAHNER, K., *Apelos ao Deus do silêncio*, p. 74.